

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MEMORIAL**

**UMA ROSA, QUANDO DESPERTA...**

**Autora:** Roselene dos Anjos

**Orientadora:** Eliana Ayoub

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização para obtenção do grau de Especialista em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Ayoub.

Campinas  
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

An58r

Anjos, Roselene

"Uma rosa, quando desperta..." / Roselene dos Anjos. -- Campinas, SP :  
[s.n.], 2008.

Orientador : Eliana Ayoub.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Cultura. 3. Corpo. 4. Linguagem. 5. Letramento. I. Ayoub,  
Eliana. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.  
Título.

08-457-BFE

*Dedico este trabalho a todos  
que sabem viver a fantasia  
e gostam de brincar.*

## AGRADECIMENTOS

*A todos os professores da UNICAMP que acreditaram no PROESF e se dedicaram a este programa. Em especial, ao Sérgio Leite, cuja orientação para as aulas de "Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Língua Portuguesa" foi sempre exemplar não só em bases teóricas e metodológicas, mas em carinho e generosidade.*

*A todos os colegas professores que encararam com competência, compromisso e seriedade a experiência de lecionar e aprender com os alunos do PROESF e de modo muito especial às meninas (Cristina, Michele, Ieda, Ivanda) que dividiram comigo a gostosa aventura de planejar, executar e avaliar as aulas de "Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Língua Portuguesa".*

*A todos os alunos do PROESF, professores que aceitaram o desafio de realizar a formação em serviço, ensinando-nos a concretizar a articulação entre teoria e prática.*

*À Nana e às queridas companheiras Ieda, Marilda, Marilise e Paula que colocaram seus corpos em diálogo permanente, contribuindo para a tessitura de um trabalho coletivo que nos tocou individualmente e nos fez trocar sempre, correspondendo sentidos e criando laços de afetividade e de construção de um conhecimento cuidadosamente compartilhado.*

*Ao Régis que dialoga comigo todos os dias, mas sabe como ninguém o prazer que é renovar sem perder o encanto de rever-se e revelar-se...*

*Chegará até a superfície de minha clara  
consciência essa recordação, esse instante  
antigo que a atração de um instante idêntico  
veio de tão longe solicitar, remover, levantar  
no mais profundo de mim mesmo?  
(Proust - No Caminho de Swan)*

## SUMÁRIO

|                                                                 |            |
|-----------------------------------------------------------------|------------|
| <i>Dedicatória.....</i>                                         | <i>iii</i> |
| <i>Agradecimentos.....</i>                                      | <i>iv</i>  |
| <i>Epígrafe.....</i>                                            | <i>v</i>   |
| <br>                                                            |            |
| <b>1. COMEÇO DE CONVERSA .....</b>                              | <b>1</b>   |
| <br>                                                            |            |
| <b>2. DE ONDE VEIO O QUE TENHO SIDO.....</b>                    | <b>3</b>   |
| <br>                                                            |            |
| <b>3. A LINDA ROSA JUVENIL VIVIA ALEGRE EM SEU LAR.....</b>     | <b>9</b>   |
| <br>                                                            |            |
| <b>4. UM DIA VEIO A BRUXA MÁ E ADORMECEU A ROSA ASSIM.....</b>  | <b>18</b>  |
| <br>                                                            |            |
| <b>5. UM DIA VEIO UM BELO REI E DESPERTOU A ROSA ASSIM.....</b> | <b>25</b>  |
| <br>                                                            |            |
| <b>6. E OS DOIS VIVERAM MUITO BEM, MUITO BEM!.....</b>          | <b>30</b>  |
| <br>                                                            |            |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                          | <b>37</b>  |

## COMEÇO DE CONVERSA

Tudo o que era guardado à chave  
permanecia novo por mais tempo.  
Mas meu propósito não era conservar o novo,  
e sim renovar o velho.  
(Walter Benjamin<sup>1</sup>)

Na recordação de nossas infâncias é que acabamos por descobrir as imagens que hoje fazemos do que fomos, do que fizemos, do que gostamos, enfim, do que vivemos...

É surpreendente percebermos que nos acumulamos em nossas atitudes e que nossa maneira de ser e estar no presente se preenche e se consolida como fruto das nossas experiências passadas. Muitas vezes, ao tentar explicar este ou aquele traço determinante de comportamentos, crenças e formas de encarar a realidade, desconsideramos pequenas histórias antigas que vivemos, ignorando o que nelas existe do que nos tornamos.

Por isto é gostoso ser gente e nos encontrarmos conosco mesmos. Concordo com Paulo Freire que, em sua educadora sabedoria, escreveu:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que meu "destino" não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade (FREIRE, 1997, p.55)

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter (1987). *Obras escolhidas II, Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, p.124.

Vasculhando meu passado e tentando montar um quebra cabeças com as peças misturadas nas seções de minhas memórias é que percebo quanto tempo passei desconhecendo a amplitude das interferências que minha história de menina operou e cooperou para que eu pudesse ser o que sou hoje.

Escrever sobre o que somos, desenhar em preto e branco - em contornos de letras, pontos e parágrafos - nossas lembranças é tarefa que acende memórias, faz reviver gentes adormecidas, colore espaços e gestos empoeirados nas gavetas dos tempos que deixamos guardados e que, por uma razão ou por outra, foram empalidecendo pelo esquecimento...

Apreendi sobre a minha constituição como sujeito histórico e social a partir da linguagem, da maneira como fui me apropriando da língua portuguesa para ser e agir sobre o mundo: isto eu estudei e me foi sendo concreta e teoricamente apresentado pela minha formação como professora de língua portuguesa e, mais tarde, como Mestre em Lingüística Aplicada.

Nos últimos anos, desde que comecei a me envolver com o PROESF<sup>2</sup>, outra faceta da linguagem começou a povoar minhas reflexões e minhas descobertas. Falo sobre a minha constituição a partir da linguagem corporal, com a qual fui aprendendo a lidar com o mundo, a representá-lo e a me apresentar para ele.

Assim é que começo a me contar, tentando garimpar nas lembranças os gestos, os passos, as danças, os contornos que alimentaram a língua que o meu corpo fala. E vou me contar, contando com o que consigo reter na peneira, recortando no tempo as contas daquilo que agora sei como contar...

---

<sup>2</sup> Programa Especial para Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

## DE ONDE VEIO O QUE TENHO SIDO

### Poema Barroco

Os cavalos da aurora derrubando os pianos  
Avançam furiosamente pelas portas da noite.  
Dormem na penumbra antigos santos com os pés feridos,  
Dormem relógios e cristais de outro tempo, esqueletos de atrizes.  
(...)  
Preciso conhecer o meu sistema de artérias  
E saber até que ponto me sinto limitado  
Pelos sonhos a galope, pelas últimas notícias de massacres,  
Pelo caminhar das constelações, pela coreografia dos pássaros,  
Pelo labirinto da esperança, pela respiração das plantas,  
E pelos vagidos da criança recém-parida na maternidade.  
(...)  
(Murilo Mendes)<sup>3</sup>

Anjos: este meu sobrenome eu ganhei de meus antepassados, escravos das minas de Ouro Preto, cidade linda onde nasci e onde aprendi a viver entre montanhas, a respirar e admirar o passado dos velhos casarões e das igrejas barrocas.

Sempre senti orgulho das minhas origens e da minha terra natal. Gosto da mineirice que ainda não perdi e consigo entender hoje como o que estou sendo está carregado e constituído do que fui. Compreendo exatamente o significado das palavras de Bourdieu (2001, p.41- 42): “Cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados.”

A convivência com a família tipicamente mineira - agarrada em laços de fraternidade, ternura e muito carinho calado - era marcada pelos encontros na casa de Vovó Cota aos finais de semana. Lá, enquanto os adultos se dividiam entre a

---

<sup>3</sup> In: *Antologia da Nova Poesia Brasileira* - J.G. de Araujo Jorge, 1948.

cozinha grande com o fogão de lenha para as mulheres e a sala de jantar com uma enorme mesa de madeira bem escura para os homens, a criançada brincava no imenso parque de diversões em que os arredores simples e naturais do “Buraco Quente”<sup>4</sup> transformavam-se.

O gosto pela reunião com um monte de gente conversando, brincando e cantando começou a se formar em mim nestes encontros. Os mais divertidos aconteciam no domingo do “dia do porco”, quando a família inteira se reunia para cumprir o ritual de matar um dos porcos engordados no quintal e preparar todos os quitutes possíveis... Era o dia de encher lingüiça, fritar torresmo, preparar o chouriço e a carne de lata... Entre uma brincadeira e outra, a criançada beliscava *um tiquinho aqui e um tiquinho ali*, sabendo que aquele tapinha de “*sai daí, minino*” era inevitável, mas bem divertido.

O cheirinho, o som, as cores e os gestos daqueles tempos ainda aparecem em meus sonhos de hoje. A couve picadinha, a taioba refogada, o café ralinho e a broa quentinha de milho com queijo guardavam os segredos que Vovó Cota e minhas tias tagarelavam na cozinha. A diversão de ouvir Vovô Pedro tocar sua viola logo depois do almoço para todo mundo cantar junto e a curiosidade danada de saber o final dos causos que os adultos contavam funcionavam como uma espécie de ensaio para a concentração e a capacidade de ouvir...

Além dos domingos, lá na casa de Vovó Cota, também me lembro das pessoas que batiam à porta para pedir uma bênção... Dor de dente, *espinhela caída, mal olhado, ventre virado*... estas eram algumas das razões que levavam muita gente a bater palmas no portão que dava para o alpendre.

---

<sup>4</sup> Bairro de Ouro Preto.

Minha mãe, fã de carteirinha da Dona Cota, era uma freqüentadora assídua destes momentos e tinha uma recepção especial, já que era a nora escolhida para herdar os dons de benzedeira. Enquanto as seções aconteciam, quando não havia primos por perto para brincar, eu acompanhava curiosa aquilo tudo.

Recordo de um jeito meio confuso os gestos, as palavras, as ervas que Vovó Cota usava para aliviar a angústia dos que procuravam por ela. O que na memória não se confunde é a certeza de que aqueles momentos misteriosos que se passavam na cozinha, ao lado do fogão a lenha, e que eu assistia de vez em quando, deixaram em mim as suas marcas.

Não entendia muito bem como aquelas palavras ajuntadas de modo estranho - e somadas aos gestos e instrumentos (faca, crucifixo, garfo...) que vovó usava - produziam um efeito de cura tão certo. O modo como as pessoas saíam de lá agradecidas me faz hoje pensar que a entrega de seus corpos àquela velhinha baixinha, gordinha e de cabelos brancos era uma forma de reconhecer a sabedoria daquele ritual... Era um ato de fé!

Assim minha meninice foi vivida com muita agitação: em espaços bem definidos, que se engrandeciam pela qualidade da experiência que proporcionavam... Entre as “Cabeças”<sup>5</sup> e o Buraco Quente, meu mundo se organizava. Quando não estava nos arredores da casa de vovó e de meus tios, a rua de minha casa era o palco de minhas descobertas.

Em frente à janela do velho casarão onde passei meus primeiros cinco anos de vida, do outro lado da rua, morava uma família muito grande, mas sem crianças pequeninhas: era a casa do Seu Zé Benedito, famoso professor de Matemática e ex-prefeito da cidade. Lá sempre havia muita gente circulando, ora por causa do

---

<sup>5</sup> Outro bairro de Ouro Preto, vizinho ao Buraco Quente.

famoso dono, ora por causa dos filhos adolescentes que recebiam sempre as visitas de seus amigos. Meu *assanhamento* era prato cheio para que, de vez em sempre, fosse convidada a atravessar a rua e entrar na casa.

Adorava assistir ao movimento da rua pela sacada e, ao sinal de mãos acenando do outro lado, não pensava duas vezes para sair correndo ao encontro dos vizinhos. Lá eu era estimulada a declamar poemas, a cantar musiquinhas, a dançar... Todos adoravam ver aquela pequeninha gorduchinha que não tinha vergonha nenhuma... Fazia sucesso e era uma delícia ser paparicada por todo mundo...

Minha mãe só se dava conta de que eu não estava em casa quando Dona Nemi (uma velhinha simpática que morava na outra metade do casarão e que também passava muito tempo assistindo à rua pela janela) contava. Ganhei muitos beliscões por causa destas fugidas, mas me lembro que a dorzinha que sentia não era nada diante da diversão toda!

O quintal de casa também era um lugar de felicidades. A jabuticabeira era a árvore mais apreciada por mim e por meus irmãos. Subíamos e descíamos os seus galhos incontáveis vezes, corríamos ao seu redor como se toda volta fosse a primeira.

Não sei se contraditoriamente ou se exatamente por esta experiência de felicidade em família, sempre fui criança briguenta, moleca travessa *pra daná*! Fui menina agitada com vontade de inventar o mundo. Sempre desconfiei dos amiguinhos com cara de anjo que encontrava pela frente. Sempre fiz questão de fazer valer a minha fama de danada!

Sei que concordo com Vigotski (1998, p.116):

“... a criança não nasce em um mundo natural, ela nasce em um mundo humano. Começa sua vida em meio a objetos e

fenômenos criados pelas gerações que a precederam e vai se apropriando deles conforme se relaciona socialmente e participa das atividades e práticas culturais”.

Nas brincadeiras que inventávamos ou que nos foram passadas pelas tradições do lugar, aprendíamos a cantar, a representar, a jogar e a descobrir um mundo cheio de fantasias alegres. Quando a família resolvia brincar de roda era muito bom porque, além do almoço de domingo, estes eram os únicos momentos em que, deliberadamente, os adultos se juntavam a nós para compartilhar o tempo. Tinha as minhas preferências e sempre pedia aquelas brincadeiras que contavam histórias e envolviam uma encenação qualquer.

Assim, bisbilhotando o meu passado, vou conseguindo resgatar dele a riqueza de minhas origens, as convivências que tiveram o papel fundamental de me colocar em interação com experiências tais que hoje posso enxergar a dimensão de como e quanto as brincadeiras, os jogos, as músicas, as danças, os causos, os provérbios, as benzeções contribuíram para que eu pudesse me transformar na adulta que sou hoje.

Todas estas experiências e convivências, busco relacioná-las neste memorial com as que delas nasceram ou se multiplicaram, sendo marcadas pelas oportunidades e interações que foram se acumulando com o tempo para culminar na experiência do PROESF, quando o contato com a disciplina “Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física” despertou-me para a consciência da história do meu corpo, dos modos e jeitos como fui me “alfabetizando” para viver, conviver e falar com ele, através dos gestos que me constituíram como sujeito.

Nas próximas páginas, buscarei garimpar na minha memória, alguns dos momentos em que meu corpo foi se conscientizando e configurando-se no mundo a

partir do diálogo que teve oportunidade de ir produzindo em seu meio, com outros corpos.

Antes de começar, busco novamente inspiração no que Paulo Freire escreveu em sua *Pedagogia da Autonomia*:

A vida no suporte não implica a linguagem nem a postura ereta que permitiu a liberação das mãos. Mãos que, em grande medida, nos fizeram. Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mentes e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não "espaço" vazio a ser enchido por conteúdos.

A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a "espiritualização" do mundo, a possibilidade de embelezar como enfear o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos. (FREIRE, 1997, p.55)

## A LINDA ROSA JUVENIL VIVIA ALEGRE EM SEU LAR...

A vida não é a que a gente viveu,  
e sim a que a gente recorda,  
e como recorda para contá-la.  
(Gabriel García Márquez)<sup>6</sup>.

Em “As Trocinhas do Bom Retiro”, Florestan Fernandes (2004) descreve como as crianças, pela recreação, dão continuidade às tradições culturais, aos valores sociais, através de sua base social e de suas brincadeiras em grupos, as quais promovem, no processo interativo, a incorporação dos elementos da cultura adulta nos diversos elementos do folclore infantil:

As crianças constroem as funções psicológicas através da experiência com os outros, de ações compartilhadas, internalizando as instruções que recebem do ambiente socialmente estruturado pelo adulto, através da percepção, da atenção, da memória, da capacidade para solucionar problemas e da motivação para aprender. Reconhecer esta criatividade e complexidade é reconhecer o direito das crianças à própria infância e a brincadeira livre e espontânea. (PRADO, 1998, p.113)

Lembro-me muito bem que brincar de roda era uma atividade obrigatória quando se reunia em um mesmo espaço um grupo de pessoas (não somente crianças, mas me recordo de adultos animados para formar o círculo). As rodas tinham o poder de reunir o grupo para jogar e possibilitavam muitas ações motivadoras: desde a pura necessidade de fazer parte de um grupo, de brincar, de divertir, até a encenação teatral de representar papéis, desenvolvendo, assim, a capacidade de criação e o poder da imaginação.

Algumas destas brincadeiras - entre dezenas que conhecíamos lá em Ouro Preto - ainda estão muito presentes na minha memória, como é o caso de “A Linda

---

<sup>6</sup> Abertura do livro *Viver para Contá-la* (Márquez, 2002).

Rosa Juvenil”, “Pai Francisco”, “Condessa de língua da prata”; outras, tradicionais e mais conhecidas, são ainda mais facilmente fisgadas da minha lembrança, como a “Fonte do tororó” e a “Ciranda, cirandinha”. Hoje entendo perfeitamente como contribuíram para que eu me tornasse a professora que sou hoje: na reunião de palavras, gestos e gentes, uma história era cantada e todos nós vivenciávamos naquelas rodas o poder de inventar o mundo e jogar com o tempo.

Escrevo abaixo a letra da cantiga “A Linda Rosa Juvenil”, copiada tal e qual eu a retenho em minha memória, bem assim:

A linda rosa juvenil, juvenil, juvenil  
Vivia alegre no seu lar, no seu lar, no seu lar  
Vivia alegre no seu lar, no seu lar.

Um dia veio a bruxa má, muito má, muito má  
Um dia veio a bruxa má, muito má.  
E adormeceu a rosa assim, bem assim, bem assim,  
E adormeceu a rosa assim, bem assim.

O tempo passou a correr, a correr, a correr  
O tempo passou a correr, a correr.  
O mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor  
O mato cresceu ao redor, ao redor.

Um dia veio um belo rei, belo rei, belo rei.  
Um dia veio um belo rei, belo rei.  
E despertou a rosa assim, bem assim, bem assim.  
E despertou a rosa assim, bem assim.

Os dois viveram muito bem, muito bem, muito bem  
Os dois viveram muito bem, muito bem.

Era o movimento do corpo que determinava tudo: toda encenação orquestrada com o grupo formando a roda, cantando, movimentando-se em círculo, representando não só as personagens como também o narrador e os elementos que dão sustentação espaço-temporal à narrativa.

A roda montava-se, geralmente, bastante grande. Ficavam fora dela as três personagens: a Rosa, a Bruxa e o Rei, escolhidas previamente entre os membros do grupo. Estas (substituídas a cada nova encenação por outros membros da roda) representavam os seus papéis, tendo de respeitar as regras estabelecidas pelo enredo, sem, no entanto, deixar de dar-lhes um toque especial e particular: o divertido na brincadeira era imprimir nelas uma característica gestual ímpar àqueles papéis tantas vezes reeditados, mas quase nunca repetidos.

No início da brincadeira, a roda dançava e cantava em ritmo tranqüilo em volta da Rosa Juvenil. Tal como se dá nas narrativas tradicionais, o enredo modificava-se na segunda parte da cantiga, quando o compasso torna-se mais lento para evidenciar o suspense que antecede ao momento de o problema aparecer: quando a bruxa má acabava com a rotineira felicidade da mocinha Rosa. Na terceira parte, a roda movimentava-se mais rapidamente para dramatizar o tempo que corria enquanto a vida da Rosa passava inerte. No momento seguinte, ela compactava-se para o centro, aproximando-se e fechando-se em torno da Rosa, para reproduzir a idéia do mato que crescia e sufocava os encantos da donzela. Na penúltima parte, quando dava entrada o belo rei, a roda abria-se e cantava animada para anunciar, logo em seguida, o feliz desfecho para uma singela história de amor.

A vivência em grupo, a construção coletiva, o exercício de representação tão evidentes nesta brincadeira seriam já suficientemente ricos para desenvolver diversas capacidades tais como as de expressão e criação em todos que dela

participavam. Mas, além disso, consigo enxergar nela a construção embrionária de conceitos que mais tarde foram se incorporando à minha formação nos anos que se seguiram. Posso associá-las, por exemplo, ao estudo da narrativa e dos seus elementos (narrador, personagem, enredo, tempo e espaço), tão concretizados pela brincadeira.

A imagem que tenho da minha infância brincando de roda agora também se associa claramente ao prazer de ouvir histórias e ao gosto pela leitura que foi se desenvolvendo no meu contado com a escrita. A Linda Rosa Juvenil e outras brincadeiras de roda como a da Senhora Condessa reconstruíam e nos proporcionavam reviver os contos de fada e muitos outros contos que ilustraram os tempos de menina e os encheram de fantasia.

As cantigas - suas letras, melodias, formas, enfim, sua estrutura rígida - nunca se modificavam, mas eram permanentemente reeditadas pelos corpos que lhes davam vida. Eram uma espécie de ritual aberto pela linguagem corporal que nelas ocupava o seu lugar, provocando novidades, simulando o inédito. Com o corpo aprendíamos a dar estilo àquele gênero.

É neste contexto que busco contar minha história e associá-la às reflexões com as quais passei a ter contato durante o PROESF, na minha experiência como aluna e posteriormente como AP da disciplina de educação física. Foi a partir do que estudamos e discutimos a respeito do enfoque da cultura corporal, da Ginástica Geral e da expressão corporal como linguagem que comecei a rever as minhas experiências de criança e encontrar nelas o embrião de uma forma de alfabetização plena e um processo de letramento sofisticado que me possibilitou o desenvolvimento desta linguagem: o *letramento corporal*.

Embora não seja meu objetivo aqui o aprofundamento destes conceitos, é necessário interromper por um instante a narrativa das minhas memórias para explicar o que me levou a arriscar na construção desta idéia de “letramento corporal”. Para isto, preciso iniciar uma justificativa para o conceito de “letramento” que aparece em um contexto no qual vários teóricos discutem a necessidade de ampliar as idéias sobre o desenvolvimento e a inserção do indivíduo ao mundo letrado. Isto é, a necessidade de nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.

Tais discussões introduzem o conceito de “letramento” a este processo como alternativa ao conceito de alfabetização, que limita o domínio da leitura e da escrita à preocupação exclusiva com a utilização do código lingüístico. Destes conceitos de letramento que circulam em nossa literatura, considero o que está definido por Magda Soares em seu artigo “Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura”, o mais apropriado para o sentido que pretendo agregar a este trabalho. No referido artigo, entende-se por letramento:

(...) o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta (...) é o pressuposto que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada” (Soares, 2002, p. 2)

Não é, pois, nenhum delírio provocado pela aventura de escrever este memorial que impulsionou minhas reflexões para a introdução desta idéia de *letramento corporal*. Acredito que aquelas experiências vividas lá atrás construíram

em mim condições peculiares para participar efetivamente da sociedade letrada e conduziram-me, conjuntamente com outras experiências que não caberiam neste trabalho, à identidade que tenho hoje.

Apóio-me, ainda, para arriscar a introdução deste conceito nas reflexões desenvolvidas neste memorial, em estudos que fizeram surgir na literatura conceitos de “letramento literário” (COSSON, 2006), “letramento científico” (FRANCO, 2002; SANTOS, 2002) e “letramento matemático” (PISA, 2000), todos eles referindo-se a perspectivas sócio culturais voltadas para o cotidiano escolar. Apóio-me também em Goulart (2001) que ressalta a diversidade de valores agregados aos conhecimentos pela dinâmica social, que é igualmente múltipla em suas perspectivas. Em sua reflexão sobre letramento, esta autora aponta a necessidade de repensar a prática pedagógica discursiva, considerando as formas como os conhecimentos se cruzam, explicitando o seguinte:

Estamos aqui entendendo as orientações de letramento como o espectro de conhecimentos desenvolvidos pelos sujeitos nos seus grupos sociais, em relação com outros grupos e com instituições sociais diversas. Este espectro está relacionado à vida cotidiana e a outras esferas da vida social, atravessadas pelas formas como a linguagem escrita se perpassa, de modo implícito ou explícito, de modo mais complexo ou menos complexo. (Goulart, 2001, p.10)

É em consequência destas relações e reflexões, que associo a esta idéia de *letramento corporal* o que Vigotski (1998, p.117) afirma sobre a função do brinquedo:

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento”.

Para o autor, o conceito de “zona de desenvolvimento proximal” refere-se ao modo como a aprendizagem, influenciada pela cultura, promove um movimento de

fora para dentro e impulsiona o desenvolvimento do indivíduo. Vigotski sustenta, então, a idéia de que a aprendizagem da criança inicia-se no processo histórico-cultural, na interação com o outro, muito antes da escola, ou seja, defende que os processos sócio-histórico-culturais é que estabelecem o caminho pelo qual o desenvolvimento pode acontecer. Segundo ele, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança as características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (Vigotski,1998, p.115).

Assim, o autor explica como se dão as relações entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizagem, demarcando teoricamente dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. O primeiro é definido como a capacidade que o indivíduo possui para realizar suas tarefas autonomamente e o segundo caracteriza-se pelas ações que a criança não é capaz de realizar sozinha, mas com a ajuda de um adulto ou de uma criança mais experiente em situações em que exista diálogo, colaboração, trocas de experiências, interação, imitação.

Neste processo, com o auxílio de outra pessoa, a criança é capaz de desempenhar uma ação que antes não dominava, mesmo pelo uso da imitação, tendo condições de agir de acordo com um modelo. Por possuir um potencial que possibilitará no futuro que ela internalize o processo realizado, a criança torna-se capaz de resolver sozinha aquela ação que anteriormente foi imitada ou auxiliada por um outro.

É desta maneira que se dá a passagem do nível de desenvolvimento potencial para o nível de desenvolvimento real, isto é, para o nível de desenvolvimento das funções mentais que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados.

Definindo aquelas funções que estão de forma embrionária, em processo de desenvolvimento, está a zona de desenvolvimento proximal, descrita pelo autor como:

(...) a distância entre o nível do desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (Vigotski, 1998, p.112)

É com base nestas referências que acredito na idéia de que as atividades corporais que mencionei neste trabalho sejam exemplos qualificados para a conceito de *letramento corporal*. Tenho plena convicção de que os gestos, os passos, as danças, os contornos que alimentaram a língua que o meu corpo fala, enfim, a linguagem corporal com a qual fui aprendendo a lidar com o mundo no diálogo com outros corpos, capacitou-me para conhecer e agir com a palavra escrita. Foi no contato direto com esta linguagem que se deu o movimento das funções mentais e a aprendizagem sobre o mundo letrado foi internalizada, completando o processo do interpessoal para o intrapessoal.

E, para terminar, na minha infância em Ouro Preto, nas experiências de família e nas relações sociais construídas nas e pelas brincadeiras, posso muito bem identificar (como certamente muita gente também pode) a convivência com uma cultura corporal altamente sofisticada no que se refere à riqueza de suas manifestações, tal como ela é definida no Coletivo de Autores (1992, p.38):

(...) acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal, (...) que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

A rica cultura corporal que me constituiu como sujeito nos primeiros anos de minha existência foi possibilitada, formou-se, conformou-se e encontrou identidade

nos espaços e tempos de inclusão, em que meu corpo encontrou interlocução em outros corpos... Foi um trecho de minha vida em que a voz do meu corpo encontrava ressonância no diálogo dos corpos que comigo conviviam e construíam sentidos.

No papel da “Linda Rosa Juvenil”, vivia alegre no meu lar, participando do tempo e do mundo dos adultos, mas experimentando plenamente a fantasia da infância que se deliciava com as descobertas e se sentia pertencente. Vivia feliz, imensamente satisfeita com minha condição de criança que brincava e dialogava com outras crianças, mas sem a preocupação de crescer...

## UM DIA VEIO A BRUXA MÁ E ADORMECEU A ROSA ASSIM

### Pequenos tormentos da vida

De cada lado da sala de aula,  
Pelas janelas altas,  
O azul convida os meninos,  
As nuvens desenrolam-se,  
Lentas como quem vai preguiçosamente inventar uma história sem fim  
Sem fim é a aula e nada acontece, nada ...  
Bocejos e moscas.  
Se ao menos, pensa Margarida  
Se ao menos um avião entrasse por uma janela  
E saísse por outra!  
(Mario Quintana) <sup>7</sup>

Seguindo a onda dos tempos, finais dos anos 60, quando completei meus cinco anos, meus pais decidiram que eu precisava me educar e me colocaram no “Educandário Santo Antônio” para fazer o Jardim de Infância. Aquele ambiente contido que as Irmãs de Caridade impunham definitivamente não tinha nada a ver com o jeito que eu aprendi a ter... Eu só funcionava bem quando me colocavam para declamar poeminhas nas festividades ou para fazer alguma palhaçada permitida. Esta foi a maneira que encontraram para me deixarem ficar lá durante um ano.

O Grupo Escolar Dom Pedro II foi a segunda vítima de minha energia inesgotável: foi a escola que meus pais escolheram para eu fazer o meu Pré-Primário. Fiquei lá durante um ano e as professoras seguiam a mesma técnica das irmãs do Educandário, ocupando-me com tarefas “divertidas” para driblar minha falta de paciência e aceitar melhor as regras planejadas para educar meu corpo.

Como se não bastassem estas tentativas precoces de escolarização, aquelas montanhas arredondadas e aqueles padres carrancudos que me vigiavam e protegiam a cidade cismavam o tempo todo comigo, insistiam em conter meus horizontes. Só às vezes isto funcionava: lá dentro, bem nos cantinhos de meus

---

<sup>7</sup> In: *Sapato Florido*, 1948, p.182.

pensamentos; por fora, não, pois meu corpo forte - alimentado de angu e couve fininha e tonificado pelas incontáveis ladeiras subidas e descidas - sempre funcionou como um escudo.

Nunca me cansava de brincar, nunca via obstáculos para voar... Mas a idéia do pecado me rondava sempre: o certo e o errado constantemente se misturavam e se confundiam em momentos cruciais, gravados em minha história pelo investimento que Guacira Lopes Louro (1999, p.25) afirma ser deliberadamente produzido pela família, escola, mídia, igreja e lei:

Todas estas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vozes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas contraditórias.

Nas palavras do catecismo, nas broncas dos meus pais e avós, nas fachadas das igrejas, no amarelo brilhante dos altares e nos sermões do Padre Simões, o que eu lia era cruel: tinha a certeza de que ia pro inferno! Às vezes isto era pesado, mas eu esquecia logo do peso e preferia curtir as delícias de saber pecar!

Vale lembrar agora de uma história do tempo em que passei nos templos sagrados de minha terra barroca, onde as missas aos domingos eram obrigatórias e nossa presença ativa na Igreja do Pilar era um compromisso inadiável... O Padre Simões reconhecia todos que ele já havia batizado e ai dos ouro-pretanos de boa família que se afastassem dos deveres e faltassem ao ritual!

A cicatriz que marca o canto do meu olho direito é prova do quanto foi difícil o meu corpo aceitar o silêncio e a posição incômoda de ficar comportadamente obediente às regras da cena imposta: certa vez me soltei do braço de mamãe e fui parar no altar para ficar mais perto do padre e, ao atender ao comendo enfurecido

de Dona Titina para voltar correndo, interrompi a cerimônia ao cair de cabeça na quina dos bancos da frente.

Apesar disto, de tanto ir me acostumando a ir à missa, de tanto ir me habituando a ouvir, de tanto pelejar para aprender a rezar e de tanto repetir o que ouvia, orgulhava-me, certa altura, por conseguir repetir os gestos (ficar de pé, sentar e ajoelhar na hora certa, fazer o sinal da cruz...) e acompanhar todas as falas, por fazer parte, por pertencer...

Naquele austero templo dourado, funcionava como uma espécie de exclusão não adotar o comportamento correto, não conhecer o gestual e não acompanhar direitinho todas as palavras que eram insistentemente repetidas, principalmente na época da Semana Santa.

Desta vez, a história que tenho para contar tem a ver com uma oração enorme que era rezada com muito fervor por todos, a Ladainha: não sei quantos anos eu demorei a descobrir o sacrilégio que estava cometendo ao repeti-la toda garbosa! Só depois de ver a oração escrita foi que me dei conta de que o "rogai por nós" que eu deveria repetir depois de cada nome de santa não era "roubai por nós" como eu orgulhosamente pronunciava!

E memória puxa memória: fico lembrando da angústia e do peso que era desfiar na cabeça o tanto de vezes que eu pedi com fé ardente e com a voz confiante que a Virgem Santíssima "roubasse por nós"!

Choque! Culpa! Ainda bem que no meio daquela gente toda, daquele barulho grande de vozes "quase" uníssonas, ninguém nunca me flagrou gritando o meu pecado! E o Padre Simões - depois de perceber isto, fiquei mais aliviada - sempre olhava para o teto de ouro quando escutava os fiéis em coro.

Meu pecado e minha vergonha, naquela época, ficaram guardados só pra mim: não havia prova, não havia chamada oral e minha voz confundia-se no meio das outras...

O pecado ainda ficou bem mais leve quando - logo, logo - também me dei conta de que o "ouvirundum" que eu cantava no Hino Nacional não tinha o menor sentido!

Não consigo me lembrar com nitidez se os gestos aprendidos por imitação das gentes grandes que compareciam ao ritual eu consegui acertar direitinho, mas me passam como filme os lances das cenas de dedos atrapalhados espalhando-se pelo rosto na hora do sinal da cruz: para cima, para baixo, esquerda, direita, boca...

Estas descobertas lingüísticas, estes sinais identificados pela leitura dos gestos e tantas outras que fui fazendo no caminho de viver, tenho certeza, fizeram-me, bem mais tarde, decidir ser professora de Português.

Nestas histórias de educar, a confusão entre "roubai" e "rogai" eu consegui perceber nas letras pretas que enchiam o branco do livro de catecismo, mas os gestos confundidos nunca tiveram mesmo espaço na minha história de aprender formalmente... Neste caso, talvez para o bem, afinal, poderia ter sido mais um constrangimento reconhecer-me errada e pecadora...

Voltando à escola, aos sete anos, iniciei meu "primeiro grau" no "Grupo Escolar Alfredo Baeta" e adorava quando brincávamos em coro, gritando bem alto para completar o nome da escola: "entra burro e sai capeta". Era o "grupo" onde estudavam todas as crianças dos bairros da região das "Cabeças" e por cujos bancos haviam passado todos da família.

Com a Dona Celina eu aprendi a ler e a escrever para valer e a pensar o mundo dividindo as disciplinas: Português, História, Ciências, Matemática... Não sei

por que razão estranha, talvez pela novidade e pela curiosidade de aprender e pelo medo de “levar bomba”, os dois anos que passei por lá foram relativamente tranqüilos, sem que meus pais tivessem muito trabalho com as reclamações dos professores.

Apesar de não ser considerada “santa”, era tida como uma excelente aluna! Tanto que, no final da segunda série, quando a cidade ganhou um Colégio Estadual que prometia formar os ouro-pretanos do futuro, fui uma das pouquíssimas alunas indicadas para se transferirem. Assim foi que eu passei a estudar bem longe da minha casa, na Escola Estadual Dom Veloso.

Foi lá que conheci mais gente como eu e aprendi que o mundo era bem maior do que os limites do bairro onde eu morava. Foi lá também que aprendi a exercitar verdadeiramente a minha rebeldia para além da família... Como era bom transgredir as regras! Como eram tristes aquelas meninas limpinhas, bonitinhas e arrumadinhas que aprenderam a obedecer sem contestar.

Passei seis anos no Estadual e é das salas de lá que vem a lembrança de como era sofrido para aquela menina sapeca ter de se comportar no meio de mesas, carteiras, fileiras, silêncio e seriedade. A energia toda a ser contida convertia-se em indisciplina e inquietação. Não conseguia me moldar àquele esquema extremamente fechado e, por isto mesmo, senti na pele, na carne e nos ossos a dificuldade de escolarizar meu corpo para submeter-me ao que Guacira Lopes Louro (1999, p.21) bem explica nesta passagem:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.

O tempo passava lento e enfadonho durante as aulas e o recreio corria como um raio sem que a gente pudesse entender a precipitação do sinal batido... Não é à toa que as lembranças destes vários anos que passei sentada nas carteiras do Estadual são ínfimas: a impressão é de que nada acontecia... As lembranças quase não existem porque não tinham mesmo razão para existir, afinal, o que importava mesmo era adaptação para o mundo produtivo e o silenciamento para a obediência cujo objetivo era mesmo o de anular o sujeito.

Eduardo Galeano (1999) reflete muito bem sobre o modo como as culturas buscam espremer o tempo da infância, reunindo esforços para que, cada vez mais cedo, as crianças tornem-se adolescentes e mais preparadas para se transformarem em indivíduos economicamente produtivos, reproduzindo, em sua aprendizagem, os aspectos determinados pelas suas classes sociais:

Dia-a-dia, nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo, como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças (GALEANO, 1999, p.11)

Para terminar esta reflexão, cito um trecho extraído de um memorial enviado, em 1926, pelas associações empresariais paulistas (embrião da atual FIESP) ao presidente da República, Artur Bernardes. O texto foi escrito na tentativa de dissuadir o governo da época que, pressionado pelos trabalhadores, estava disposto a instituir a lei de férias de 15 dias. Vejamos os questionamentos que ele traz:

(...) que fará um trabalhador braçal durante 15 dias de ócio? Ele não tem o culto ao lar, como ocorre nos países de padrão de vida elevado. Para nosso proletariado, para o geral de nosso povo, o lar é um acampamento – sem conforto e sem

doçura. O lar não pode prendê-lo e ele procurará matar as suas longas horas de inação nas ruas. A rua provoca com freqüência o desabrochar de vícios latentes e não vamos insistir nos perigos que ela representa para o trabalhador inativo, inculto, presa fácil dos instintos subalternos que sempre dormem na alma humana, mas que o trabalho jamais desperta! (VIANA, 1976, p.80)

Enxergando o povo trabalhador brasileiro como “presa fácil dos instintos subalternos que sempre dormem na alma humana”, incapaz, portanto, de viver em harmonia e pacificamente alguns dias de lazer e diversão, a classe dominante dita que a este povo, cujo lar não tem “conforto nem doçura”, resta somente a força do trabalho capaz de aprisionar os instintos selvagens.

A solução, portanto, para este povo com “vícios latentes” é o trabalho, a ocupação utilitária e nunca a possibilidade de aprender a viver e administrar seu tempo de modo autônomo e criativo.

## UM DIA VEIO UM BELO REI E DESPERTOU A ROSA ASSIM

Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão  
Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja  
Ele vem pra me dar a mão  
(Fernando Brant e Milton Nascimento)<sup>8</sup>

Embora também fizessem parte desta tendência, as aulas de educação física eram as únicas diferentes, pois aconteciam em espaço aberto, com possibilidade de grito, correria, tombo, menino e menina se encostando... E me lembro muito bem que elas me pareciam tão poucas e pequenas diante da Matemática, do Português, da História, das Ciências, da Geografia... porque eram as aulas roubadas pelo tempo: passavam rápido demais.

Apesar de todo o caráter militarizante, excludente e disciplinador que hoje posso perceber que tinham aquelas aulas, era no tempo delas que havia a possibilidade de meu corpo falar, saindo daquela posição incômoda de “h” imposta pelas carteiras do resto da escola.

Lembro-me de me sentir muito bem nas aulas de educação física, embora consiga hoje sair da subjetividade daqueles tempos para enxergar aqueles que, diferentemente de mim, sentavam-se no canto da quadra, excluídos pela suposta inaptidão (identificada não só pelo professor, mas por toda turma).

---

<sup>8</sup> Trecho da música: Bola de Mei Bola de Gude. Milton Nascimento. *Miltons*. Faixa 9, CBS. 1988, CD-ROM.

Hoje consigo compreender melhor o que estava por trás daquelas aulas que, a partir da década de 60 no Brasil, passaram a agregar à configuração dos corpos produtivos (gestada ainda no Estado Novo) o caráter acrítico e alienador, como nos ensina Ayoub, Brasileiro e Marcassa (2005, p.102):

(...) diante de um quadro de perseguição política e repressão, à liberdade de comunicação e expressão, a Educação Física veio a contribuir com seu aspecto lúdico-esportivo para desviar a atenção do movimento estudantil das questões sócio-políticas, colaborando, assim, para a disseminação de *corpo apolítico*.

Embora não consiga explicar exatamente o contraditório da situação vivida por mim, suponho que o conjunto das minhas experiências anteriores tenha dado a estas aulas um efeito multifacetado e, em certa medida, oposto ao esperado pelas instâncias pedagógicas: foi a partir delas que encontrei o coletivo na escola. Dentro delas formei um círculo de relações que por muito tempo passou a dialogar comigo e a impulsionar a rebeldia na perspectiva de transformação e questionamento à ordem estabelecida.

Foram exatamente estas aulas que se transformaram em um estímulo para que eu não somente aprendesse a suportar o martírio das outras aulas, mas também me esforçasse por merecer cada vez mais o lugar de atleta e membro dos times que se formavam na nossa escola. Em tempos de campeonatos entre escolas, era delicioso sentir o pertencimento e a possibilidade de representar um grupo: aprendi e me dediquei a tudo que podia: vôlei, basquete, handebol... ginástica.

A válvula de escape, a felicidade de agir no e pelo diálogo com corpos expandiu-se para outros espaços da escola, pois eu e meu time de amigas passamos a ser aproveitadas (talvez a palavra certa seja: exploradas) em várias situações em que era preciso alegria, disposição e exposição: montaram-se grupos de teatros, promoveram-se saraus e apresentações as mais diversas nas datas

comemorativas... todas com a necessidade de gente que não tivesse sido educada para silenciar seus gestos nas grades do espaço da sala de aula.

Dando um exemplo para ilustrar como esta contradição funcionava, cito o evento “Câmara Júnior de Ouro Preto”, criado para comemorar o dia 21 de abril na cidade. Todos os anos, no início do ano letivo, as escolas tinham de preparar alunos para disputarem uma espécie de olimpíada do saber cujo tema era a história da Inconfidência Mineira e de seu personagem principal, o Tiradentes.

Na ocasião, surgia a oportunidade de tirar da sala de aula os incômodos alunos que não paravam quietos, pois eles, os escolhidos, poderiam, ao mesmo tempo, dar aos professores o sossego de trabalhar com os comportados e, isolados na biblioteca, dedicar o seu tempo à leitura dos livros e enciclopédias que eram básicos para a disputa.

É claro que eu estava sempre entre os escolhidos e assim passava quase dois meses sendo dispensada das aulas a fim de me preparar para a disputa. O isolamento naquele lugar cheio de livros, onde não havia muita coisa a fazer, fazia-me devorar as páginas, uma a uma.

O castigo camuflado em honra funcionava maravilhosamente! Durante três anos consecutivos, fui premiada pela “Câmara Júnior” e a escola se orgulhava muito pela aluna que estava formando. Até hoje guardo entre os meus documentos os diplomas que recebia em solenidades grandiosas do 21 de Abril, das mãos célebres de políticos famosos.

Ironicamente, esta foi a contribuição da escola para a minha formação como leitora e, completamente envolvida nesta trama de contradições, fui vendo o meu corpo sendo, enquanto silenciado, também reconhecido pela escola. Isto foi

imprimindo em mim um comportamento não de docilidade, mas de resistência ativa que marcou a minha história daí para frente.

Foi assim que meu corpo cresceu e adolesceu: tentando romper limites e buscando driblar situações adversas. Consegui encontrar a felicidade em tudo isto, mesmo quando as crises apareciam e era preciso espernear e chorar... A revolta contida em mim explodia sempre em forma de auto-afirmação. Moça rebelde, moça maluca, moça doidinha que se danava para o que os outros pensassem. Tinha as verdades tão certas, as razões tão verdadeiras!...

Depois da oitava série, fui estudar Metalurgia na Escola Técnica porque meu pai sonhava que eu fosse professora (profissão de mulher!). Mais tarde, desisti da Engenharia e meu pai achou que eu deveria seguir a carreira que havia iniciado. Quando ele já achava um absurdo que eu fosse professora, foi que eu decidi fazer Letras. “Pra quê?”, “Pra ser professora, uai!”.

Em Ouro Preto conheci gente de todo lugar, realizei projetos, aprendi a lutar coletivamente pelos meus ideais, fiz e vivi muita arte, aprendi a amar...

Na universidade participei ativamente do movimento estudantil e fui me envolvendo em projetos que me conduziram para a inquietude e para a vontade de ampliar os espaços.

Difícil, mas definitivo, foi, mais tarde, depois de me formar professora, sair da terrinha, mas naquela altura eu já tinha uma vontade grande de ser responsável e completamente independente! Esta foi a decisão que marcou, definitivamente, minha fase adulta: já não tinha muitas certezas, mas existiam os desejos de estudar mais, de conhecer outros cantos, de ver como funcionava a ausência de proteção...

Vim parar em Campinas em busca do sonho de estudar na UNICAMP... Uma história de amor que começou no Programa de Mestrado em Lingüística Aplicada e,

por caminhos cheios de curvas e desvios, continua a ser vivido, agora no PROESF, onde, como aluna e professora formadora, vivi mais um encontro, multiplicado em muitos encontros que se transformaram em enredos com diversas personagens que compartilharam comigo mais um sonho.

## **E OS DOIS VIVERAM MUITO BEM, MUITO BEM!**

Você lembra, lembra!  
Daquele tempo  
Eu tinha estrelas nos olhos  
Um jeito de herói  
Era mais forte e veloz  
Que qualquer mocinho  
De cowboy...

Você lembra, lembra!  
Eu costumava andar  
Bem mais de mil léguas  
Prá poder buscar  
Flores-de-maio azuis  
E os seus cabelos enfeitar...  
(Mu - Claudio Nucci - Paulinho Tapajós)<sup>9</sup>

Foi na história mais recente que busquei inspiração para lembrar de mim para escrever este memorial e, para ser breve nas linhas, vou logo dizendo que estas últimas páginas serão dedicadas ao encontro que tive no PROESF com o grupo de educação física, sob a orientação da professora Nana (Eliana Ayoub).

Nas discussões em grupo e na leitura dos textos que fundamentaram teoricamente os nossos estudos sobre a educação física escolar, as reflexões estimuladas pelos trabalhos do Coletivo de Autores (1992) sobre o entendimento histórico da cultura corporal e a noção de expressão corporal como linguagem foram paulatinamente provocando uma inevitável “coceirinha” para fazer associações com as leituras e concepções que sempre me envolveram na área da Lingüística.

Cada vez mais as definições dos conteúdos e da metodologia para o ensino de educação física que fomos estudando foram, inevitavelmente, remetendo o meu olhar para os tempos vividos no meu passado escolar, estabelecendo relações e levando-me a buscar identidades com a minha experiência de professora e

---

<sup>9</sup> Trecho da música: Sapato Velho. Roupas Novas. *Sem Limites*. Disco 2 - Faixa 12, Universal Music Brasil, 2001. CD-ROM.

pesquisadora da área de linguagem, mais especificamente com os estudos sobre Bakhtin.

A concepção de cultura corporal esteve presente e foi objeto de estudo e reflexão em todas as aulas da disciplina no período de formação no curso de especialização, nos encontros do grupo de AP para o planejamento do trabalho na graduação e nos ricos momentos que passamos com os professores-alunos. Cada vez mais fui associando as teorias e práticas deste contexto aos conceitos formulados por Bakhtin, que apresentam a linguagem como um fenômeno profundamente social e histórico e, por isso mesmo, ideológico.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (1997) formula que a unidade básica de análise lingüística são os elementos lingüísticos produzidos em contextos sociais reais e concretos como participantes de uma dinâmica comunicativa. Pensando na linguagem corporal também como um fenômeno social e histórico, portanto, ideológico, entendo os elementos corporais como participantes de uma dinâmica comunicativa que pode ser analisada no bojo da cultura corporal. Desta associação, é possível identificar o princípio do dialogismo presente na obra de Bakhtin a partir desta perspectiva.

No processo do dialogismo (Bakhtin, 1997), a linguagem constitui e é constitutiva do sujeito: ouvindo e assimilando as palavras e os discursos do outro, o sujeito faz com que essas palavras e discursos sejam processados de forma que se tornem, em parte, suas próprias palavras e, em parte, as palavras do outro. Assim, o sujeito é visto por Bakhtin como sendo imbricado em seu meio social, sendo permeado e constituído pelos discursos que o circundam. Isto significa dizer que cada sujeito é um híbrido, ou seja, uma arena de conflito e confrontação dos vários

discursos que o constituem. Cada um desses discursos, ao confrontar-se com os outros, visa à exercer uma hegemonia sobre eles.

Para o autor, a linguagem vista dessa forma, como arena de conflitos, é inseparável do poder: cada signo, mais do que um mero reflexo, ou substituto da realidade, é materialmente constituído no sentido de ser produzido dialogicamente no contexto de todos os outros signos sociais. O que acontece com o indivíduo como ser social acontece também com a comunidade; ou seja, como um indivíduo, a comunidade também se constitui em arena de conflito de discursos concorrentes, um fenômeno que Bakhtin chama de polifonia ou heteroglossia. Segundo esses conceitos, cada língua, como cada indivíduo, é formada por variantes conflitantes – sociais, geográficas, temporais, profissionais etc. – todas sujeitas ao poder.

Assim, posso compreender o “silenciamento” imposto ao meu corpo logo após minha primeira infância, nas tentativas de escolarização e nas outras instâncias pedagógicas que tomaram parte de minha história. Posso entender o processo que vivi para a educação do meu corpo como tentativa de esvaziá-lo de suas relações com o poder, numa perspectiva de provocar alienação, evitando exteriorizações não consentidas da expressão corporal, como “silenciamento” das formas de representação simbólica das realidades vividas pela dominação.

Não seria mesmo incoerente pensar neste silenciamento do corpo como um equivalente da ausência de sentido do não-texto apresentado nos conteúdos das cartilhas utilizadas para a alfabetização das crianças. A polifonia de corpos reprimida, a voz calada dos gestos, o diálogo suspenso pelos bancos escolares provocava o não-ser, a negação para a vida possível além do sistema produtivo.

Chamo Freire (1997, p.164) para explicar comigo:

Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as “palavras da escola”, e não as “palavras da realidade”. O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo nos quais os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam. Você pode pensar nessa dicotomia como uma espécie de “cultura do silêncio” imposta aos estudantes. A leitura da escola mantém silêncio a respeito do mundo da experiência, e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios.

Evidentemente, estas reflexões remetem a uma discussão sobre as condições institucionais que regulam e envolvem todo o processo pedagógico. Na leitura de nossas vinculações teóricas é fundamental que fique explícita a nossa posição de defender um trabalho que encare o processo pedagógico como um ato político e o ensino como uma ação capaz de instrumentalizar o aluno para sua atuação crítica, consciente e transformadora da realidade.

Todas estas considerações carregam consigo a perspectiva do trabalho coletivo e do processo dialógico também relacionado à construção do Projeto Pedagógico. Estamos, portanto, referindo-nos a uma utopia que coloque em cena parceiros que, na instituição escolar, busquem orientar suas ações conjuntamente para a construção de uma educação conforme a concepção freiriana (FREIRE, 1990).

Trata-se de defender a idéia de uma escola em que a participação de todos seja possível, em que a fraternidade e a comunhão de ideais sejam promovidas pelos espaços democráticos. Falamos do diálogo que aceita os conflitos e as diferenças como antídoto para qualquer possibilidade de opressão e hierarquização,

isto é, o diálogo como forma de evitar posturas que busquem no silêncio e na passividade a manutenção de uma ordem estabelecida sem participação.

Talvez estejamos realmente falando de uma utopia. Talvez acreditemos em algo que seja quase impossível de se efetivar em uma escola com bases tão solidificadas na tradição de uma sociedade extremamente marcada pelas injustiças e pelas desigualdades e hoje totalmente moldada para o endeusamento do mercado e da competição. Mas ainda não nos convenceram a desistir do sonho da transformação social e da busca por uma escola que acredite no seu poder de reação, de espaço para a construção de cidadãos em busca de um novo mundo, mais solidário, onde não se admite qualquer possibilidade de exclusão.

É por tudo isso que precisamos incluir entre os temas de nossos diálogos as condições institucionais para a organização do trabalho pedagógico. É por isso que não podemos isolar o processo pedagógico que se constrói em cada interação da sala de aula do projeto pedagógico que se produz no todo da comunidade escolar. Optando pelo contrário, teríamos de admitir uma contradição que, neste caso, negaria o fundamento de tudo que defendemos. Teríamos de nos conformar com a manutenção das estruturas de poder hierarquizadas que estimulam o individualismo em detrimento do trabalho coletivo.

Queremos falar de uma escola progressista, da mesma forma que defendemos que o professor assuma a postura de mediador do conhecimento, de agente interativo, de fomentador do diálogo, atuando de modo a conseguir, ao mesmo tempo, prever situações e abrir janelas para que surjam imprevistos. Defendemos a gestão democrática com a mesma paixão, levando-nos a considerar fundamental que o professor seja capaz de compreender e possibilitar o dinamismo do processo de ensino-aprendizado, não desejando controlá-lo de forma rígida, mas,

ao contrário, buscando sempre encará-lo como objeto de pesquisa e reflexão, enfim, como consequência de seu trabalho.

Agora, depois da experiência de formação no PROESF, quando apaixonadamente fui convidada a me envolver na tessitura do corpo, nas tramas dos gestos, nos sentidos da expressão corporal, enxergo na disciplina de educação física uma forte aliada deste processo. Vejo na Ginástica Geral (GG) a possibilidade de compor com o corpo, em cooperação, coletivamente.

Encontro na GG e nas suas perspectivas para a educação física escolar a chave para o combate à mordida institucional que cala o corpo e impede o diálogo que possibilita a vivência coletiva. Aprendi a ver e defender o seu caráter transformador:

O fato de a GG estar situada num plano diferente das modalidades gímnicas competitivas pode gerar um espaço efetivo de resistência aos valores da Ginástica de competição e, portanto, da instituição esporte. Questionar a competição e seus valores é, certamente, um dos primeiros passos para o questionamento da visão capitalista de sociedade e de cultura. Outro desafio consiste em superar os dogmas do consumismo e do culto ao corpo/objeto de consumo/mercadoria/massificado, que a indústria do lazer no campo das práticas corporais deliberadamente nos impõe. (AYOUB, 2007, p.75)

Assim, vislumbro a GG como uma possibilidade de devolver à infância na escola as vivências de “letramento corporal” possibilitadas pelos encontros sociais e pela valorização da cultura popular. Ainda mais se pensarmos em quão poucos (talvez até nulos para alguns) são os momentos em que as crianças das sociedades urbanas atuais têm a oportunidade de viver o papel da Linda Rosa Juvenil. Tomando emprestadas novamente as palavras da mestre Ayoub (2007, p.76):

Por tudo isto acredito na possibilidade de projetar por meio da ginástica geral a *imagem* de uma ginástica contemporânea, que privilegie, acima de tudo, nossa dimensão humana e que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, redescobrando o prazer, a inteireza e a técnica-arte da linguagem corporal.

Para terminar, nada mais oportuno do que reproduzir aqui um dos exemplos de fecho tradicionalmente utilizado pelos autores mineiros de literatura oral, na época em que, antes da reforma ortográfica, nosso alfabeto compunha-se de vinte e cinco letras e a cartilha incluía o ~ (til) como fecho do abecê:

O ~ (til) é letra do fim,  
com ela findei agora;  
o padre e o sacristão  
e a Virgem Nossa Senhora,  
todos juntos deram a bênção  
ao chegar aquela hora. <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> In: MARTINS, Saul. *O folclore em Minas Gerais*. UFMG, Belo Horizonte, 1991.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

AYOUB, Eliana; BRASILEIRO, Livia Tenório; MARCASSA, Luciana. Educação física escolar: contribuições para uma mudança curricular. In: BITTENCOURT, Águeda Bernardete; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado. (Orgs). *Estudo, pensamento e criação. Livro I*. Campinas: Graf. FE, 2005. p.99-111.

BAKHTIN, Mikhail (1952-1953). *Estética da Criação Verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II, Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). Vozes, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, Florestan. As Trocinhas do Bom Retiro. *PRO-POSIÇÕES*. Revista da Faculdade de Educação/ Unicamp: vol. 15, n.1 (43) – jan./abr. 2004, p 229-251.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1990. pp. 11-21.

GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L & PM, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Orga.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.9-34

Márquez, G. Garcia. *Viver para contá-la*, trad. de Maria do Carmo Abreu, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequeninas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. *PRO-POSIÇÕES*. Revista da Faculdade de Educação/ Unicamp: vol.10, (28), março de 1998, p.110-118.

QUINTANA, Mário. Sapato Florido. Rio de Janeiro: Globo, 1948

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação. Centro de Estudos Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dez 2002, p.15-160.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. A Formação social da mente. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.